

Nota-se que nos últimos anos o interesse pela pesquisa acadêmica e publicação de artigos científicos sobre o ateísmo contemporâneo tem aumentado significativamente. Percebe-se, também, que há uma literatura ateísta, demasiadamente preocupada em rechaçar os princípios das religiões monoteístas, especialmente o cristianismo, por considerá-las ainda um obstáculo para a afirmação da autonomia e da liberdade do ser humano em sua integralidade.

Nesse número da *Revista Caminhos*, objetiva-se seguir o legado do ateísmo humanista, entre os quais Feuerbach, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e outros, articulando-o com a reflexão de alguns autores contemporâneos que interagem com a atualidade, bem como procuram restabelecer uma comunicação mais respeitosa entre o crente e o não crente, numa perspectiva de diálogo e reciprocidade. Além de expor a crítica que o pensamento ateísta construiu ao longo do tempo, esse número se propõe a elaborar uma discussão sobre a afirmação da humanização entre homens e mulheres, independentemente de suas convicções doutrinárias.

No que se refere à sua estrutura, este número se divide em duas partes principais (dossiê temático e artigos de fluxo contínuo) acrescidas por duas resenhas: a primeira sobre o livro de Xabier Basurko, *O canto cristão na tradição primitiva*, e a segunda sobre a obra *O pentecostalismo globalizado*, organizada por Alberto da Silva Moreira e Pino Lucà Trombeta.

Logo na abertura da seção temática, o artigo escrito a quatro mãos por Eleno Marques de Araújo, professor do Centro Universitário de Mineiros, e Mariosan de Souza Marques, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, procura enfrentar a temática do ateísmo recorrendo a uma comparação entre as atuais formulações a respeito do tema e sua contraposição ao teísmo medieval. Nesse itinerário, o diálogo com o projeto filosófico da modernidade vê-se alargado rumo a uma concepção mais abrangente da realidade atual, o que, notadamente, importará

entender o contexto mais profundo da pós-modernidade ou, quiçá, da trans-modernidade, e o embate empreendido entre teísmos e ateísmos na busca por um diálogo respeitoso.

De algum modo o trato com este tema ganhará continuidade no trabalho de Clóvis Ecco, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e José Reinaldo F. Martins Filho, do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, mesmo que, a esta altura, estabelecendo-se numa perspectiva majoritariamente filosófica. Isso porque através de uma incursão na filosofia de Ludwig Feuerbach os autores procurarão compreender as ulteriores ressonâncias da negação de Deus em consequência à autoafirmação do ser humano, elemento substancial da filosofia feuerbachiana que também se apresenta nos trabalhos de autores como Marx e Freud. Para Feuerbach, a religião é a principal forma de expressão desta essência humana, sendo que seu objeto não é Deus, mas o próprio homem. Na esteira dessa interpretação, toda concepção religiosa estaria fadada à mera projeção. Não obstante, o próprio discurso de Feuerbach dá margem para a postulação de algumas críticas – direta ou indiretamente empreendidas tanto neste artigo, quanto nos que seguem.

Este é o caso da exposição dos chilenos Kreti Sanhueza Vidal, professor da Pontifícia Universidad Católica de Chile, e Sandro Paredes Díaz, da Universidad Católica del Maule, cujo caminho de investigação, a partir da obra do teólogo Walter Kasper, expõe o conceito de experiência de Deus como uma experiência de sentido. Conforme desenvolvem os autores ao longo do texto, trata-se de uma leitura alternativa para a superação da dicotomia entre a experiência humana da cotidianidade e a experiência do absoluto como um fenômeno próximo dos homens e mulheres de hoje. Assim, seria possível conceber e vivenciar o divino fora dos âmbitos estritamente religiosos, isto é, uma vivência de Deus possível também além de qualquer vinculação institucional – especialmente em um contexto marcado pela crise da plausibilidade e o enfraquecimento dos laços comunitários.

Algo de semelhante também pode ser notado no trabalho de Sidnei Vilar Noé e Douglas Willian Ferreira, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Partindo da concepção ética de Luc Ferry, estes autores analisam o processo de divinização do homem fortalecido pela secularização dos elementos éticos do cristianismo. Nesse interim, será enfatizada a centralidade do outro no despertar da consciência moral e do agir ético, o que dispensa a necessidade de crença em um Deus transcendente como fundamento regulador para a dimensão ética da vida do homem.

A cada novo artigo, a abertura de um novo horizonte para a compreensão da relação entre indivíduo e crença, seja pelas vias da aquisição de sentido, seja pelo reconhecimento do humano como marcadamente ético, independentemente de sua crença.

Nesse sentido, outra interessante abordagem encontra-se no trabalho de Cleber Lizardo de Assis, das Faculdades Integradas de Coacal (UNESC-RO), segundo o qual a psicanálise, além de um procedimento-método-teoria, também corresponde a uma forma de espiritualidade não-religiosa. A fim de sustentar sua tese o autor percorre importantes passagens da obra freudiana, especialmente aqueles fragmentos em que Freud enfatiza a dissensão entre *doxa* e *episteme*. Trata-se de que o autor denomina como uma aproximação interpretativa das lacunas subjetivas no discurso freudiano – o subentendido nos seus des-dizeres sobre a religião.

O debate de teor “psico-interpretativo”, no entanto, também ganha robustez nas análises de Nadir Antonio Pichler, da Universidade de Passo Fundo, na medida em que analisa o vazio existencial humano, decorrente de sua condição de ser lançado em um mundo que, muitas vezes, parece-lhe estranho. Para tal é preciso colocar-se no ponto de confluência entre áreas como a filosofia, a psicologia e a teologia, na tentativa de compreender a dimensão existencial como o que de mais profundo existe no homem, seus anseios e sua busca por sentido.

Aqui transcendência pode ser sinônimo de realização, de sanidade, de resistência, uma proposta, aliás, bastante distinta daquela sinalizada por Ágabo Borges Sousa, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cujo acento salienta aquela que podemos considerar uma das filosofias mais profundas da história do Ocidente, como segue: a obra de Immanuel Kant. Justamente por seu teor eminentemente filosófico julgamos oportuno inserir este trabalho no âmbito de nosso dossiê. A ênfase dada por Kant à experiência da razão contrasta com a eleição do texto sagrado como ponto de partida para sua reflexão. Embora o olhar menos atento possa não enxergar aqui qualquer vínculo com a temática do ateísmo, uma análise mais próxima e paciente saberá reconhecer que também neste trabalho estão em jogo os mesmos pressupostos que nortearam a separação entre fé e razão, entre crença e descrença, entre a sacralização do divino e a divinização do humano. A religião passa a ser observada pela ótica da racionalidade a fim de se extrair os motivos que legitimariam a compreensão do ser humano na atualidade.

O segundo conjunto de textos publicados por esta edição diz respeito ao fluxo contínuo, isto é, ao intercâmbio de trabalhos oriundos de relevantes pesquisas empreendidas no âmbito das Ciências da Religião e Teologia no Brasil. Referem-se, respectivamente, à dimensão das literaturas sagradas, aqui representada pela investigação de uma perícopes bíblica, ao diálogo com a teologia sistemática, à relação entre religião e educação na composição dos imaginários e às discussões de gênero.

O primeiro deles, de Joel Antônio Ferreira e Dionivaldo Rosa Pires, ambos da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, propõe o que denomina como “degraus” do itinerário cristológico da comunidade. Nesse sentido, o personagem cego

apresentado no capítulo 9 do evangelho de João é considerado como uma tipologia utilizada para se referir à dimensão comunitária e ao leitor de diferentes tempos e lugares. Assim, o modelo do cego, que avança processualmente no crescimento da sua fé, torna-se parâmetro para a interpretação do texto pelo leitor atual.

Num segundo momento, Ronaldo Silveira Motta, da Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro, e Mário de França Miranda, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, apresentam o olhar do teólogo Andréa Torres Queiruga a respeito da face de Deus, donde decorre um conceito de Deus não excludente, aberto ao acolhimento de todos e cujo principal traço de caracterização é o amor.

Na sequência das discussões, Eunice Simões Lins Gomes, da Universidade Federal da Paraíba, expõe uma leitura articulada dos principais interesses de investigação da linha de pesquisa “Educação e Religião”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, ao longo de seus dez anos de existência, realçando a importância deste para a formação dos professores e pesquisadores na propagação do componente curricular Ensino Religioso-ER, em particular no estado da Paraíba.

Por fim, encerrando a seção de artigos livres e intercâmbios, Sandra Célia de Oliveira, da Universidade Estadual da Bahia, e Carolina Teles Lemos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, desenvolvem uma análise da auto percepção da mulher na Romaria de Bom Jesus da Lapa, enfatizando a perspectiva de gênero. Ao longo do texto é possível compreender a Romaria como um espaço de alternância entre a permanência e a transformação de gênero oriunda do patriarcalismo.

Esperamos que vocês apreciem este número da *Revista Caminhos*, preparado com muito cuidado e carinho.

Desejamos uma boa leitura!

Clóvis Ecco
José Reinaldo F. Martins Filho
Editores